

E&S

Educação & Sociedade

ESTADÃO



Guia da FACULDADE

&

ESTADÃO BLUE STUDIO

Este material é produzido pelo Estadão Blue Studio.

CONHEÇA O GUIA DA FACULDADE 2026

SAIBA COMO MAIS DE 21 MIL CURSOS SUPERIORES FORAM AVALIADOS E CONFIRA A METODOLOGIA, OS RESULTADOS COMPLETOS E OS DESTAQUES ENTRE AS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS E PRIVADAS.

Acesse pelo QR code a página especial do Guia da Faculdade no Estadão.



O F U T U R O
C O M E Ç A C O M U M A
ESCOLHA

Reportagens trazem informações para quem vai escolher uma graduação e abordam questões importantes da vida universitária, da adaptação à faculdade às perspectivas profissionais

Tiago Queiroz/Estadão Blue Studio



6 E 7

Para Enzo Jojima, estudante de engenharia, uma boa formação é fundamental para usar IA com critério

2

EMPREGABILIDADE

ENTENDA COMO AS FACULDADES CALCULAM OS ÍNDICES DE INSERÇÃO PROFISSIONAL E O QUE CONSIDERAR NA HORA DE ESCOLHER UM CURSO

4

NETWORKING

CONTATOS CONSTRUÍDOS DURANTE A FACULDADE PODEM ABRIR OPORTUNIDADES NO MERCADO DE TRABALHO

8 E 9

EVASÃO

O PRIMEIRO ANO É DECISIVO PARA A PERMANÊNCIA NA FACULDADE; UM EM CADA QUATRO ALUNOS DE BACHARELADO ABANDONA O CURSO

Parceria

ESTADÃO



ESTADÃO BLUE STUDIO

Quero EDUCAÇÃO

senac

Patrocínio

Faculdade ESEG GRUPO ETAPA

FIA BUSINESS SCHOOL

Unibes Cultural

Uniupe Universidade de Verdade

Diploma + emprego: qual é a conta?

— Leonardo Messias

São vários os indicadores que medem a qualidade de um curso superior, das estrelas deste Guia da Faculdade aos conceitos oficiais do Ministério da Educação (MEC). Mas cada vez mais estudantes têm olhado para um outro dado na hora de escolher uma faculdade: a taxa de empregabilidade. Em pesquisa realizada em 2025 pelo Instituto Locomotiva, em parceria com o Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE), 59% dos universitários apontaram esse fator entre as razões para escolher a graduação.

Para quem está decidindo onde estudar, as taxas de empregabilidade divulgadas pelas instituições podem ser uma referência. Mas é preciso entender como esses números são calculados.

O Insper, em São Paulo, informa uma taxa média de empregabilidade de 95% entre seus egressos. Na FIA Business School, o índice divulgado fica na faixa dos 90%. As duas instituições mantêm iniciativas de aproximação dos alunos com o mercado de trabalho. “Na FIA temos o Centro de Carreiras para acompanhamento do início da vida profissional dos alunos no período de estágio”, afirma Elza Veloso, coordenadora do Centro de Carreiras da instituição.

Os percentuais, porém, são levantados pelas próprias instituições e podem não seguir os mesmos critérios de apuração.

COMO OS ÍNDICES SÃO CALCULADOS

O monitoramento da situação profissional dos alunos recém-formados mescla pesquisas diretas feitas com os egressos com o

mapeamento de suas redes sociais profissionais (como o LinkedIn). Outras metodologias incluem o acompanhamento de contratações por plataformas de carreira das universidades e o cruzamento com dados públicos.

As diferenças também podem estar no período considerado após a formatura, no número de ex-alunos pesquisados e na definição de inserção profissional. Por isso, os percentuais divulgados não são necessariamente comparáveis.

Para avaliar a confiabilidade da taxa de uma instituição, um bom ponto de partida é verificar a transparência dessa divulgação. “É preciso apresentar parâmetros metodológicos claros, como quais turmas foram consideradas, em

que momento o levantamento foi realizado, quantos egressos responderam e quais situações foram classificadas como inserção profissional”, diz a diretora do Insper, Priscila Claro.

EMPREGO FORA DA ÁREA

A relação entre o diploma e a ocupação profissional também é um

fator que não passa despercebido na elaboração dos índices. Se um ex-aluno é formado em engenharia civil e está trabalhando na área financeira de um banco, isso entra no cálculo ou não?

A resposta depende dos critérios adotados pela instituição. Uma taxa pode considerar qualquer atividade remunerada, en-

quanto outra pode levar em conta apenas os profissionais empregados na área em que se formaram.

A diferença é relevante. Segundo a 5ª Pesquisa de Empregabilidade do Instituto Semesp, realizada em 2026, 77,1% dos egressos entrevistados que exerciam atividade remunerada trabalhavam na área de formação, enquanto 22,9% atuavam fora dela.

É importante também que o estudante verifique se o índice divulgado corresponde ao curso que pretende fazer ou se representa a média de empregabilidade de todas as graduações da instituição.

“Os dados devem ser utilizados com a finalidade de apoiar a decisão do aluno, e não substituir uma reflexão sobre interesses, aptidões e objetivos profissionais e pessoais”, reforça Priscila.



Diploma e área de atuação

77,1% dos egressos entrevistados com atividade remunerada trabalham na área de formação

22,9% trabalham em outras áreas

FONTE: 5ª PESQUISA DE EMPREGABILIDADE DO INSTITUTO SEMESP, 2026.

5 pontos para avaliar as taxas de empregabilidade

- 1.**
Curso ou instituição
O índice corresponde à graduação desejada ou à média de todos os cursos?
- 2.**
Período
De que ano são os dados e quanto tempo depois da formatura foi feita a pesquisa?
- 3.**
Participação
Quantos ex-alunos responderam ao levantamento?
- 4.**
Tipo de ocupação
Profissionais que trabalham fora da área de formação entram na conta?
- 5.**
Metodologia
Os dados foram obtidos por questionários, redes profissionais ou outras fontes?

Como a conexão com o mercado transforma a experiência na graduação

Na Faculdade ESEG, do Grupo Etapa, formação prática, apoio individualizado e experiências internacionais ampliam as oportunidades

Escolher uma faculdade também significa avaliar o que acontece além das aulas: como o estudante coloca o conhecimento em prática, conhece diferentes áreas de atuação e recebe apoio para construir sua trajetória. Na Faculdade ESEG, do Grupo Etapa, a proposta une essas experiências ao rigor acadêmico desde os primeiros semestres.

“Preparar um jovem para o mercado hoje significa colocar tecnologia e negócios dentro de todos os cursos, e não como disciplina isolada”, afirma Vitor Passoni, vice-presidente da ESEG. No Direito, os alunos estudam inteligência artificial associada à área já no terceiro semestre. Nas Engenharias, em Administração e Economia, trilhas de Data Science e Data Analytics permitem obter certifica-

ção intermediária antes da formatura.

APRENDIZADO PARA ALÉM DA SALA DE AULA

A integração entre teoria e prática se estende a experiências que aproximam os alunos dos desafios profissionais. No ESEG Tech & Business, eles participam de projetos interdisciplinares, ligas acadêmicas e hackathons. Em uma dessas atividades, estudantes simulam conflitos e exercitam argumentação e tomada de decisões. A experiência também envolve empresas: em parceria com a WallJobs, alunos da Empresa Júnior de Consultoria participaram do Censo de RH 2025, pesquisa que ouviu mais de 500 profissionais. Eles contribuíram para a elaboração do

questionário, a análise dos dados e a mobilização dos participantes.

Mas essa proximidade com o mercado não se restringe aos projetos. Professores com atuação profissional levam sua experiência para a sala de aula, enquanto o Centro de Desenvolvimento de Carreiras oferece orientação e preparação para processos seletivos. Ao longo da graduação, os estudantes também contam com plantões de atendimento e apoio psicopedagógico para lidar com dificuldades de aprendizagem e adaptação à faculdade.

“Na ESEG, acreditamos que a excelência acadêmica também depende de conhecer e acompanhar cada estudante de forma individualizada”, explica Passoni.

A possibilidade de ampliar a formação para além do Brasil acrescenta outra dimensão a essa trajetória. A ESEG mantém parcerias com instituições estrangeiras e oferece oportunidades de mobilidade acadêmica a estudantes elegíveis. Em 2026, firmou novos acordos com instituições da Alemanha, Itália e da Holanda. Já no Buddy Program, a experiência internacional acontece dentro do cam-

Direto para o doutorado!

Uma pesquisa interdisciplinar desenvolvida por Guilherme Moreno Rodrigues de Souza, aluno de Engenharia de Produção da ESEG, evoluiu para seu trabalho de graduação e contribuiu para sua aprovação para ingresso direto no doutorado em Oncologia do A.C.Camargo Cancer Center. O estudo teve orientação do professor João Chang Junior.

pus, com alunos recebendo intercambistas e participando de atividades de integração e prática de idiomas.

“Para nós, uma formação global vai além do intercâmbio, pois ela prepara o estudante para atuar em um mundo cada vez mais conectado”, afirma Passoni. A proposta reúne formação acadêmica e experiências que favorecem o desenvolvimento de competências para acompanhar transformações e assumir responsabilidades ao longo da carreira.

CONTEÚDO PATROCINADO

Vestibular 2027

O mercado **procura** quem passa por aqui.

- Apoio individualizado
- Grade curricular inovadora
- Parcerias internacionais
- Centro de Desenvolvimento de Carreiras

INSCRIÇÕES ABERTAS

eseg.edu.br

Use o cupom **GUIA30** e tenha 30% de desconto na taxa de inscrição.



20 ANOS Faculdade **ESEG** GRUPO ETAPA

— Caio Volpe Arnoni

Ao começar sua trajetória como estudante universitário, em São Paulo, em 2017, Guilherme Kodja não iniciou apenas uma formação na área de administração de empresas na Fundação Getúlio Vargas (FGV). Foi ali mesmo, na faculdade, que ele construiu uma rede de contatos fundamental para a criação do seu próprio negócio. “Toda a nossa comunidade de mentores e investidores-anjos veio através da Fundação Getúlio Vargas”, diz Kodja, cofundador da Movêu, uma marca de móveis personalizados online.

Marcos Lanner, supervisor de estágios e colocação profissional na FGV, conta que os contatos feitos durante a faculdade são frequentemente lembrados pelos ex-alunos nos eventos de carreira da instituição.

Há diferentes maneiras de criar essas conexões. Kodja, por exemplo, ingressou na Liga de Empreendedorismo da faculdade logo no primeiro semestre. Foi num bate-papo promovido pela organização que ele conheceu Pedro Conrade, fundador da fintech Neon, que anos depois se tornaria o primeiro investidor-anjo da Movêu. “Ao todo, na nossa história, já são mais de 6,5 milhões de reais captados via investidores-anjos, que foram oriundos dessas conexões que a FGV nos proporcionou”, afirma Kodja.

Essas conexões também costumam ajudar bastante na busca pelas primeiras oportunidades profissionais. Formada em Administração pela Universidade de São Paulo (USP), a executiva de marketing Clara Faro conseguiu seu primeiro estágio por indicação de uma amiga da faculdade que estava deixando a vaga. Anos mais tarde, quando decidiu abrir uma consultoria em marketing, o primeiro cliente veio após ela se reconectar com um amigo da faculdade. A mãe do ex-colega tinha uma escola e precisava de serviços na área de marketing. “Sempre ou quase sempre tem algum contato que dá um empurrãozinho”, diz Clara.

CONEXÕES VARIADAS

Bons contatos podem surgir entre colegas de curso e professores, em diferentes ambientes. A presença em entidades estudantis e atléticas fortalece os laços com outros alunos. Já programas de monitoria e iniciação científica aproximam os estudantes dos professores.

Izabella Abrahão, formada em Jornalismo na faculdade Cásper

Contatos da faculdade ajudam na carreira

Os anos de graduação são uma oportunidade para construir uma rede de relacionamentos que pode abrir portas no mercado de trabalho



Gemini

Dicas para construir uma boa rede de contatos

1.

Comece pela conversa

Apresente-se e conheça melhor a pessoa antes de abordar oportunidades profissionais.

2.

Cultive relações de troca

Demonstre interesse pelo trabalho dos outros e esteja disposto a contribuir, não apenas a receber ajuda.

3.

Respeite o tempo das pessoas

Cada relação tem seu ritmo. Considere a disponibilidade do outro ao pedir orientações ou apoio.

4.

Concilie contatos e estudos

Aproveite as atividades e os eventos universitários sem deixar a formação acadêmica em segundo plano.

Líbero, em São Paulo, tinha um lema claro durante os anos do curso: “Me enfiar em tudo que fosse possível”, brinca a jornalista. Ela construiu uma rede ampla de contatos sendo representante de sala, participando da comissão de formatura, escrevendo em revistas feitas por estudantes e ainda fazendo iniciação científica.

A estratégia deu certo. O primeiro emprego de Izabella, que ela mantém até hoje, como torista cobrindo o time de futebol do São Paulo para um site esportivo, veio por meio de uma indicação de um aluno veterano, que virou seu amigo.

A rede de contatos também pode ser ampliada fora da faculdade. Participar de feiras e

congressos oferece a oportunidade de conhecer profissionais do mercado. “Todo mundo tá lá com a mesma cabeça que você”, explica Izabella, que ainda hoje frequenta feiras do setor esportivo, como a Cob Expo e a Confut.

Kodja ressalta que frequentar esses espaços não basta sem a iniciativa de conversar com as pessoas. “Todos esses lugares vão te dar acesso a diversas pessoas. Mas, para ser efetivo, é você que tem que ir atrás”, afirma.

As oportunidades de construir contatos, porém, não são iguais para todos. Maria Luiza Modesto, aluna de letras na USP, aponta uma preocupação: a de que o networking, de certa maneira, pode ser excludente. Ela lembra que as oportunidades de conexões podem acabar sendo maiores para

“O networking envolve relações genuínas, em que você oferece tanto quanto recebe”

_CLARA FARO

Executiva de marketing, formada em Administração pela USP

FAAP une tradição e inovação aos 80 anos

Instituição aposta em tecnologia, ensino multidisciplinar e experiências práticas para ampliar a formação dos estudantes

Em um mundo onde as profissões se transformam em ritmo acelerado, a formação universitária exige mais do que o domínio de uma área do conhecimento. Criatividade, capacidade de adaptação e experiências que ultrapassam a sala de aula ganham importância na preparação dos novos profissionais. É nesse cenário que a Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP), que completa 80 anos em 2027, reforça a sua proposta de ensino multidisciplinar, apoiada na tradição e na atualização permanente.

Para Luis Sobral, CEO da instituição, a longevidade não representa um ponto de chegada, mas a continuidade de um projeto educacional. “Não faz sentido uma instituição de ensino,

sobretudo de incentivo à arte e à criatividade, não ser contemporânea, não ser vanguardista. A nossa experiência, a nossa dedicação e o nosso DNA são sobre nos atualizarmos todos os dias. Isso, para nós, é inegociável”, afirma.

Localizada em Higienópolis, na capital paulista, a FAAP reúne colégio, graduação e pós-graduação em um único campus. O conceito de formação contínua orienta uma proposta que combina conhecimento acadêmico, vivência cultural e contato com diferentes áreas profissionais.

A instituição aposta em turmas reduzidas, ensino presencial e atividades práticas. Laboratórios, ateliês, simulações de negócios e júris permitem aos estudantes experimentarem situações próximas da realidade profissional. A tecnologia também integra os currículos. Atualmente, mais de 120 disciplinas incorporam inteligência artificial, em áreas que vão da Moda ao Direito. A infraestrutura inclui três estúdios de te-



Divulgação/FAAP

A FAAP mantém mais de 300 convênios com universidades internacionais

levisão e dois de cinema, além de laboratórios de fotografias digital e analógica.

O contato com outras culturas e com o ambiente profissional complementa essa trajetória. A FAAP mantém mais de 300 convênios com universidades internacionais, além de promover intercâmbios e missões acadêmicas no Brasil e no exterior.

A formação contínua também se traduz em programas que permitem obter até três graduações em seis anos. Na área de Negócios, o estudante pode concluir Administração, Economia e Relações Internacionais. Na Comunicação, a combinação contempla Publicidade, Relações Públicas e Jornalismo.

Para Sobral, a possibilidade de

construir diferentes carreiras ao longo da vida exige uma educação menos fragmentada. “Elas, além de complementares, podem deixar o profissional mais preparado, com mais tempo para aprofundar o conhecimento”, explica.

Ao projetar as próximas décadas, a FAAP pretende preservar a combinação entre tradição e inovação que marcou a própria trajetória. “Vamos continuar a desbravar o futuro na linha de frente com a mesma energia que nos trouxe até aqui, oferecendo um mundo mais amplo e plural por meio da ampliação de repertório na construção de melhores profissionais”, sintetiza Sobral.

CONTEÚDO PATROCINADO



FAAP

★★★★★
Centro Universitário
nota máxima no MEC

Vestibular 2027

29.11

Prova presencial
ou online



Inscreva-se!

vestibular.faap.br

80
ANOS

FUNDAÇÃO
ARMANDO ALVARES
PENTEADO
DESDE 1947

educação & sociedade

ESTADÃO
Guia da
FACULDADEESTADÃO
BLUE STUDIOEste material é
produzido pelo Estadão
Blue Studio.

A escolha da carreira em tempos de IA

Universidades atualizam currículos enquanto jovens tentam projetar seu futuro em profissões que já estão sendo transformadas pela tecnologia

— Carol Firmino

Escoger uma graduação sempre envolveu incerteza sobre o futuro. Com o avanço da inteligência artificial (IA), porém, quem presta vestibular enfrenta um novo problema: considerar os impactos de uma tecnologia que já está mudando o mercado de trabalho e as atividades de diferentes profissões.

No terceiro trimestre de 2025, quase 30 milhões de brasileiros estavam em ocupações com algum grau de exposição à IA generativa, o equivalente a 29,6% da população ocupada. Entre os trabalhadores mais jovens, de 14 a 29 anos, a proporção chegava a 35,9%; entre aqueles com ensino superior completo, a 42,7%. Os dados são do estudo *Inteligência Artificial e Mercado de Trabalho*, elaborado pelos pesquisadores do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV IBRE) Fernando de Holanda Barbosa Filho, Janaína Feijó e Paulo Peruchetti.

Exposição, entretanto, não significa necessariamente substituição. “Uma coisa é a exposição, outra coisa é a complementaridade. A gente tem que primeiro entender se uma função, um trabalho, um emprego está exposto ou não à IA e, no segundo momento, entender se essa exposição é de caráter complementar ou substitutivo”, explica Janaína, uma das autoras da pesquisa.

Ela acredita que procurar uma carreira que esteja totalmente protegida da tecnologia pode ser algo pouco realista. Para Janaína, o jovem deve buscar uma formação que traga não apenas conhecimento técnico, que pode ficar desatualizado, mas também habilidades como pensamento crítico, iniciativa, trabalho em equipe e adaptação.

CRITÉRIO DE ESCOLHA

“Acho difícil escolher uma profissão hoje sem pensar no impacto que as inteligências artificiais podem ter no mercado de trabalho”, diz Ruan Côrtes da Trindade, de 18 anos, aluno do



Enzo Jojima valoriza os fundamentos da engenharia para trabalhar com IA

Colégio Ari de Sá, em Fortaleza (CE). Mesmo assim, na hora de escolher o curso para prestar vestibular, Ruan não abandonou critérios como interesse pessoal e possibilidades de atuação. Ele optou por engenharia química porque gosta da área e vê diferentes caminhos profissionais, o que considera uma vantagem diante das mudanças trazidas pela IA.

Manuela Aquino, de 17 anos, estudante do Colégio COC em Paulínia (SP), pretende seguir a área de ciências agrárias e prestar vestibular para medicina veterinária na Universidade Estadual Paulista (Unesp). Mesmo antes de iniciar a formação, ela já identifica aplicações da IA na área, como o apoio a pesquisas, ao melhoramento genético e à precisão dos exames em animais. Sua maior

preocupação, porém, não é perder oportunidades profissionais por conta da tecnologia. “Espero receber uma base para usar as novas ferramentas na profissão”, explica, destacando a importância de aprender a utilizar a IA durante a graduação.

ATUALIZAÇÃO DE CURRÍCULOS E REGRAS

Para atender a essas expectativas, as instituições de ensino superior têm procurado se atualizar de diferentes formas. Na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), o tema entra por disciplinas específicas, trilhas formativas de maneira transversal nos currículos. O curso de direito, por exemplo, tem uma disciplina obrigatória de IA aplicada e uma trilha que reúne empreendedorismo,

inovação jurídica e IA. E a de medicina distribui o assunto em disciplinas como bioética e raciocínio clínico e epidemiológico. “A universidade nunca formou para uma versão de software, porque nenhuma ferramenta específica sobrevive a um ciclo de atuação profissional inteiro. No caso da IA generativa, no entanto, o ponto mais delicado é o risco de alguém aprender a operar essas ferramentas sem ter construído o repertório que permite julgar o que elas produzem”, afirma Maristela Compagnoni Vieira, coordenadora de graduação da PUCRS Online.

Na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (USP), a adaptação ganhou a forma de um percurso integrado aos currículos. O estudante pode obter um certificado de IA da Poli-USP ao cumprir ao menos 24 créditos sobre temas como programação, estatística, ciência de dados, aprendizado de máquina, modelos de linguagem, tomada de decisão e ética. O programa reúne disciplinas obrigatórias, eletivas ou optativas que já integram o currículo de cada habilitação de engenharia, sem constituir uma formação paralela.

Mas não é só na grade curricular que a tecnologia tem mexido. Ela também tem obrigado os professores a rever as formas de avaliação dos alunos. Diretora da Poli-USP, Anna Helena Reali Costa recorre a uma ideia que ouviu entre os colegas docentes para resumir o que está ocorrendo: “A gente muda agora da pedagogia da resposta para a pedagogia da pergunta e da crítica”. Em vez de solicitar apenas a solução de um problema ou a produção de um código, o professor pode pedir que o aluno consulte a IA, compare alternativas, avalie a resposta e explique como chegou ao resultado.

Enzo Koichi Jojima, de 22 anos, ingressou em engenharia de computação na Poli-USP em 2023, quando ainda não imaginava o impacto que a IA teria sobre o mercado de trabalho. Hoje, considera que fez uma boa escolha, especialmente pela formação em fundamentos da engenharia e pela capacidade de resolver problemas complexos. “A IA gera o que você pedir numa velocidade extraordinária, mas alguém precisa saber estruturar o que pedir, verificar se o resultado funciona como esperado e se tem qualidade.”

Além disso, as universidades também começam a estabelecer parâmetros para o uso cotidiano da tecnologia. Na Unesp, foi criado este ano o *Guia para a utilização de IA na Graduação*, com orientações sobre integridade, transparência, privacidade, vieses, equidade e validação humana.

MUDANÇA NO PERFIL PROFISSIONAL

Enquanto as universidades atualizam suas formações, a IA já modifica atividades profissionais e as competências exigidas pelas empresas. Nas áreas contábil e financeira, por exemplo, a IA já reduz o tempo dedicado a conferência de documentos, organização de dados, identificação de inconsistências e produção de relatórios. Com isso, ganha importância a capacidade de interpretar as informações produzidas.

Para André Fantoni, estrategista tributário e CEO da EcoFiscal, a base de formação oferecida pelas graduações continua indispensável para levar ao mercado um profissional capaz de formular boas perguntas, avaliar resultados e tomar decisões. Ele prevê que o profissional mais valorizado será aquele capaz de combinar conhecimento técnico, tecnologia, visão de negócio e responsabilidade. “Automatizar uma tarefa não significa automatizar a responsabilidade sobre ela”, conclui.

No caso da IA generativa, o risco é o de alguém aprender a operar essas ferramentas sem ter construído o repertório que permite julgar o que elas produzem

— MARISTELA COMPAGNONI VIEIRA
Coordenadora de Graduação da PUCRS Online

educação & sociedade

ESTADÃO
Guia da
FACULDADEESTADÃO
BLUE STUDIOEste material é
produzido pelo Estadão
Blue Studio.

A escolha da carreira em tempos de IA

Universidades atualizam currículos enquanto jovens tentam projetar seu futuro em profissões que já estão sendo transformadas pela tecnologia

— Carol Firmino

Escoger uma graduação sempre envolveu incerteza sobre o futuro. Com o avanço da inteligência artificial (IA), porém, quem presta vestibular enfrenta um novo problema: considerar os impactos de uma tecnologia que já está mudando o mercado de trabalho e as atividades de diferentes profissões.

No terceiro trimestre de 2025, quase 30 milhões de brasileiros estavam em ocupações com algum grau de exposição à IA generativa, o equivalente a 29,6% da população ocupada. Entre os trabalhadores mais jovens, de 14 a 29 anos, a proporção chegava a 35,9%; entre aqueles com ensino superior completo, a 42,7%. Os dados são do estudo *Inteligência Artificial e Mercado de Trabalho*, elaborado pelos pesquisadores do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV IBRE) Fernando de Holanda Barbosa Filho, Janaína Feijó e Paulo Peruchetti.

Exposição, entretanto, não significa necessariamente substituição. “Uma coisa é a exposição, outra coisa é a complementaridade. A gente tem que primeiro entender se uma função, um trabalho, um emprego está exposto ou não à IA e, no segundo momento, entender se essa exposição é de caráter complementar ou substitutivo”, explica Janaína, uma das autoras da pesquisa.

Ela acredita que procurar uma carreira que esteja totalmente protegida da tecnologia pode ser algo pouco realista. Para Janaína, o jovem deve buscar uma formação que traga não apenas conhecimento técnico, que pode ficar desatualizado, mas também habilidades como pensamento crítico, iniciativa, trabalho em equipe e adaptação.

CRITÉRIO DE ESCOLHA

“Acho difícil escolher uma profissão hoje sem pensar no impacto que as inteligências artificiais podem ter no mercado de trabalho”, diz Ruan Côrtes da Trindade, de 18 anos, aluno do



Enzo Jojima valoriza os fundamentos da engenharia para trabalhar com IA

Colégio Ari de Sá, em Fortaleza (CE). Mesmo assim, na hora de escolher o curso para prestar vestibular, Ruan não abandonou critérios como interesse pessoal e possibilidades de atuação. Ele optou por engenharia química porque gosta da área e vê diferentes caminhos profissionais, o que considera uma vantagem diante das mudanças trazidas pela IA.

Manuela Aquino, de 17 anos, estudante do Colégio COC em Paulínia (SP), pretende seguir a área de ciências agrárias e prestar vestibular para medicina veterinária na Universidade Estadual Paulista (Unesp). Mesmo antes de iniciar a formação, ela já identifica aplicações da IA na área, como o apoio a pesquisas, ao melhoramento genético e à precisão dos exames em animais. Sua maior

preocupação, porém, não é perder oportunidades profissionais por conta da tecnologia. “Espero receber uma base para usar as novas ferramentas na profissão”, explica, destacando a importância de aprender a utilizar a IA durante a graduação.

ATUALIZAÇÃO DE CURRÍCULOS E REGRAS

Para atender a essas expectativas, as instituições de ensino superior têm procurado se atualizar de diferentes formas. Na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), o tema entra por disciplinas específicas, trilhas formativas de maneira transversal nos currículos. O curso de direito, por exemplo, tem uma disciplina obrigatória de IA aplicada e uma trilha que reúne empreendedorismo,

inovação jurídica e IA. E a de medicina distribui o assunto em disciplinas como bioética e raciocínio clínico e epidemiológico. “A universidade nunca formou para uma versão de software, porque nenhuma ferramenta específica sobrevive a um ciclo de atuação profissional inteiro. No caso da IA generativa, no entanto, o ponto mais delicado é o risco de alguém aprender a operar essas ferramentas sem ter construído o repertório que permite julgar o que elas produzem”, afirma Maristela Compagnoni Vieira, coordenadora de graduação da PUCRS Online.

Na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (USP), a adaptação ganhou a forma de um percurso integrado aos currículos. O estudante pode obter um certificado de IA da Poli-USP ao cumprir ao menos 24 créditos sobre temas como programação, estatística, ciência de dados, aprendizado de máquina, modelos de linguagem, tomada de decisão e ética. O programa reúne disciplinas obrigatórias, eletivas ou optativas que já integram o currículo de cada habilitação de engenharia, sem constituir uma formação paralela.

Mas não é só na grade curricular que a tecnologia tem mexido. Ela também tem obrigado os professores a rever as formas de avaliação dos alunos. Diretora da Poli-USP, Anna Helena Reali Costa recorre a uma ideia que ouviu entre os colegas docentes para resumir o que está ocorrendo: “A gente muda agora da pedagogia da resposta para a pedagogia da pergunta e da crítica”. Em vez de solicitar apenas a solução de um problema ou a produção de um código, o professor pode pedir que o aluno consulte a IA, compare alternativas, avalie a resposta e explique como chegou ao resultado.

Enzo Koichi Jojima, de 22 anos, ingressou em engenharia de computação na Poli-USP em 2023, quando ainda não imaginava o impacto que a IA teria sobre o mercado de trabalho. Hoje, considera que fez uma boa escolha, especialmente pela formação em fundamentos da engenharia e pela capacidade de resolver problemas complexos. “A IA gera o que você pedir numa velocidade extraordinária, mas alguém precisa saber estruturar o que pedir, verificar se o resultado funciona como esperado e se tem qualidade.”

Além disso, as universidades também começam a estabelecer parâmetros para o uso cotidiano da tecnologia. Na Unesp, foi criado este ano o *Guia para a utilização de IA na Graduação*, com orientações sobre integridade, transparência, privacidade, vieses, equidade e validação humana.

MUDANÇA NO PERFIL PROFISSIONAL

Enquanto as universidades atualizam suas formações, a IA já modifica atividades profissionais e as competências exigidas pelas empresas. Nas áreas contábil e financeira, por exemplo, a IA já reduz o tempo dedicado a conferência de documentos, organização de dados, identificação de inconsistências e produção de relatórios. Com isso, ganha importância a capacidade de interpretar as informações produzidas.

Para André Fantoni, estrategista tributário e CEO da EcoFiscal, a base de formação oferecida pelas graduações continua indispensável para levar ao mercado um profissional capaz de formular boas perguntas, avaliar resultados e tomar decisões. Ele prevê que o profissional mais valorizado será aquele capaz de combinar conhecimento técnico, tecnologia, visão de negócio e responsabilidade. “Automatizar uma tarefa não significa automatizar a responsabilidade sobre ela”, conclui.

No caso da IA generativa, o risco é o de alguém aprender a operar essas ferramentas sem ter construído o repertório que permite julgar o que elas produzem

— MARISTELA COMPAGNONI VIEIRA
Coordenadora de Graduação da PUCRS Online

educação & sociedade

ESTADÃO
Guia da
FACULDADEESTADÃO
BLUE STUDIOEste material é
produzido pelo Estadão
Blue Studio.

O desafio do primeiro ano

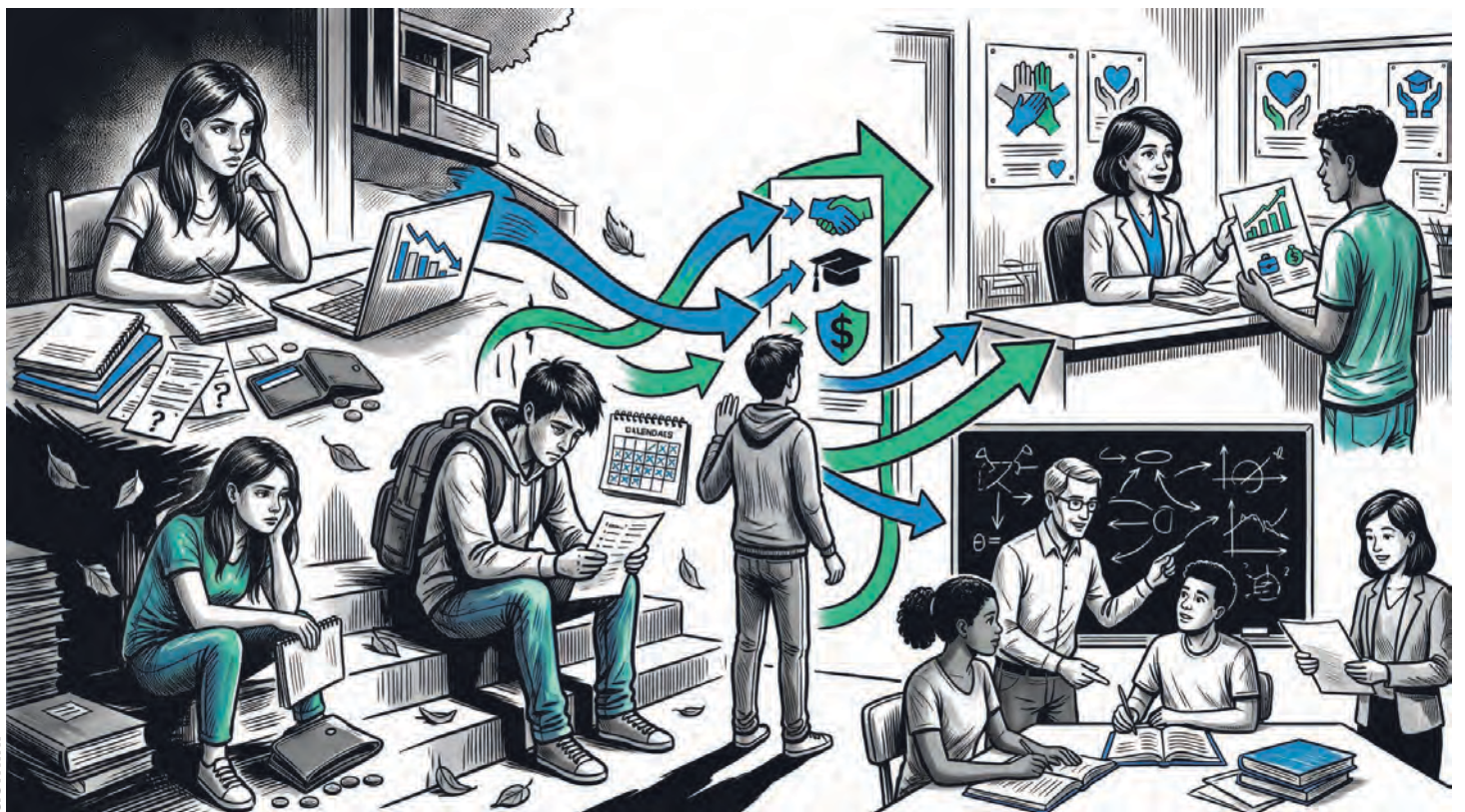
_ Amanda Nonato

No Brasil, um em cada quatro estudantes que ingressam em cursos de bacharelado abandona o ensino superior após o primeiro ano, segundo a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). A evasão também é mais elevada na educação a distância (EaD) do que nos cursos presenciais, chegando a mais de 40%, conforme dados do Instituto Semesp. Fatores acadêmicos, como lacunas de aprendizagem, podem se somar a questões financeiras, familiares e até à falta de vínculo com colegas. “A evasão raramente decorre de uma única causa”, afirma Priscila Claro, diretora de graduação do Insper, em São Paulo.

As dificuldades financeiras e a necessidade de conciliar trabalho e estudo fizeram parte da experiência de Thales Carvalho, 32 anos, hoje aluno de ciência de dados na modalidade EaD da Universidade Cruzeiro do Sul, em Resende (RJ). Em 2014, ele havia ingressado em outro curso, mas abandonou os estudos ainda no primeiro semestre. “Na época, eu trabalhava e estudava design gráfico, em Volta Redonda. Eram quase duas horas de ônibus entre ida e volta, além dos gastos com mensalidade, transporte e materiais. Chegou um momento em que ficou pesado e eu precisei escolher. Hoje, com outro foco profissional, faço ciência de dados EaD, que consigo encaixar melhor na minha rotina”, conta o estudante.

A pró-reitora de graduação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Mônica Alonso Cotta, confirma que a experiência de conciliar estudo, trabalho, deslocamento e questões financeiras aparece entre os desafios das instituições para manter seus alunos, especialmente no início da graduação. Para ela, o ingresso no ensino superior também exige maior autonomia e adaptação às novas demandas acadêmicas. “É nesse período que o aluno começa a confrontar as expectativas formadas antes do ingresso com a experi-

Dificuldades acadêmicas e financeiras contribuem para a evasão nos primeiros semestres; instituições oferecem programas de apoio



Gemin

ência concreta do curso escolhido.”

Esses desafios costumam aparecer logo nos primeiros meses, o que torna o início da graduação um período decisivo para a permanência estudantil. Ao olhar para quem conclui os cursos, o mesmo estudo da OCDE aponta que só 49% dos brasileiros que entraram num bacharelado no período analisado terminaram sua formação até três anos após o prazo previsto para a conclusão do curso; na média da OCDE esse mesmo índice chega a 70%.

AÇÕES PARA RETENÇÃO

Como na maior parte das instituições, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) a maior concentração de abandono está no primeiro ano dos cursos. “De acordo com nossos dados mais recentes, os principais fatores que pesam na permanência dos estudantes são as dificuldades com moradia e transporte. A ampliação dos auxílios estudantis, por meio de bolsas, apoio financeiro para alunos de baixa renda e re-

feições a preços acessíveis nos restaurantes universitários, está entre as medidas com melhores resultados para evitar a evasão”, afirma Nádyá Pesce da Silveira, pró-reitora de graduação.

Já para lidar com as dificuldades acadêmicas iniciais dos calouros, a instituição investe na oferta de atividades preparatórias, que reforçam o conhecimento dos estudantes especialmente em áreas como cálculo, química e física. O “reforço acadêmico” está longe de ser uma exclusividade da UFRGS. Lacunas de conhecimento trazidas do ensino médio podem levar a reprovações nos primeiros semestres da graduação, contribuindo também para a evasão.

Para enfrentar essas dificuldades, muitas instituições oferecem programas de apoio. Na Unicamp, o Rumo ao Cálculo permite revisar conteúdos de matemática, enquanto tutorias ajudam em disciplinas como língua portuguesa e química. No Insper, o Programa de Mentoria tem função parecida. “Desde a implementação do programa, observamos uma redução

dos casos de segunda reprovação na mesma disciplina e dos desligamentos por desempenho”, afirma Priscila. A diretora de graduação do Insper ressalta que não é possível atribuir o resultado exclusivamente à mentoria, mas considera que o programa foi um dos fatores determinantes para essa evolução.

ESCOLHA CONSCIENTE

As universidades estão buscando formas de reduzir a evasão, mas o risco de abandono também pode diminuir com uma escolha de curso mais consciente. “É importante buscar informações sobre o projeto pedagógico do curso, a estrutura curricular e as políticas, programas e projetos que a instituição oferece para apoiar a permanência e a formação com qualidade”, orienta Ana Maria de Albuquerque Moreira, professora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB). Ela recomenda ainda planejar o tempo necessário para aulas, atividades e estudos, orientação que ganha mais importância para quem pretende trabalhar durante a graduação.

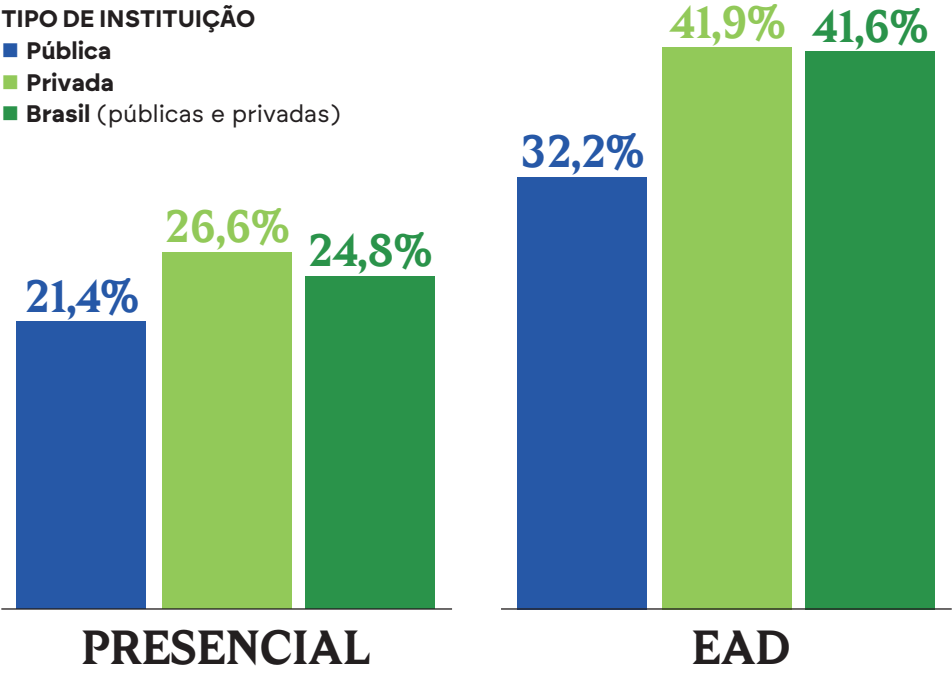
Outro ponto que não dá para ficar de lado é a questão financeira. Junto dos pais, os vestibulandos devem fazer um planejamento financeiro para avaliar se os custos da graduação cabem no orçamento familiar. Além da mensalidade para as faculdades privadas, é preciso considerar outros gastos, como transporte, alimentação, materiais e eventual moradia em outra cidade.

Em relação ao curso em si, além de investigar o currículo, é bom saber mais sobre a metodologia de ensino e avaliação, ter detalhes da carga horária, das atividades extraclasse e das possibilidades de atuação profissional após obter o diploma.

Priscila Claro explica que uma visita à instituição de ensino de interesse do vestibulando pode ajudar a conseguir essas informações, inclusive em conversas com estudantes e professores. E lembra: “Uma escolha informada não elimina todos os riscos de evasão, mas reduz a distância entre expectativa e realidade.”

Os números da evasão no ensino superior

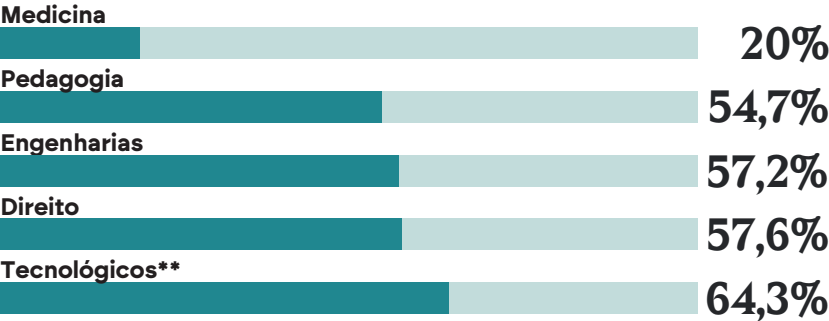
Cursos EAD têm taxa de abandono cerca de 68% maior que os presenciais do ensino fundamental



FONTE: MAPA DO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL 2026, INSTITUTO SEMESP, COM DADOS DO CENSO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR (INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA – INEP).

Taxa de desistência acumulada* por curso

Entre as áreas, medicina é a que menos perde alunos durante a formação



*Taxa de desistência acumulada: indica o percentual de ingressantes que desistiram do curso ou faleceram entre os anos de 2020 e 2024.
**Cursos superiores de curta duração.
FONTE: MAPA DO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL 2026, INSTITUTO SEMESP, COM DADOS DO CENSO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR (INEP).

Até a conclusão do curso

49% dos ingressantes em bacharelados no Brasil concluem a graduação até três anos depois do prazo previsto

70% é a média dos países da OCDE para o mesmo indicador

FONTE: EDUCATION AT A GLANCE 2025, ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (OCDE).

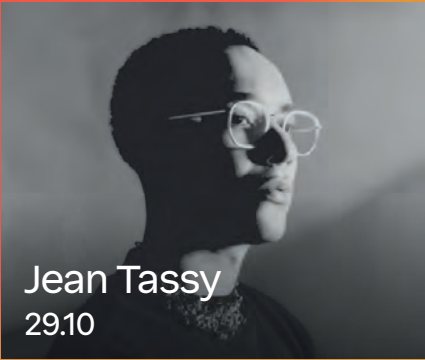


Nos Encontramos Na Música



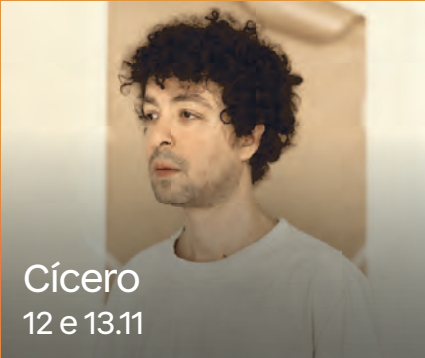
Tasha e Tracie

20.11



Jean Tassy

29.10



Cícero

12 e 13.11



Agnes Nunes

Cultura Inglesa Festival

31.10



Planta e Raiz

14.11

Ingressos: casanaturamusical.com.br

Patrocínio:  Ingressos: 

A UNIVERSIDADE CONECTADA À FORÇA DO AGRO BRASILEIRO

A primeira
**CIDADE
DO AGRO**
do Brasil

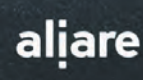
O maior
**HOSPITAL
VETERINÁRIO**
da América Latina

Mestrado em
**SANIDADE E
PRODUÇÃO ANIMAL**
nos Trópicos

AGRONOMIA, ZOOTECNIA,
MEDICINA VETERINÁRIA,
GESTÃO DO AGRONEGÓCIO
E MUITO MAIS



+ 30 PARCERIAS ESTRATÉGICAS



@universidade.agro



CONHEÇA A
UNIVERSIDADE
DO AGRO UNIUBE

universidadedoagro.com.br

_ Isabella Baliana

As instituições de ensino superior estão adaptando seus cursos às novas regras para a educação a distância (EaD), estabelecidas pelo Ministério da Educação (MEC) em maio de 2025. A regulamentação tornou obrigatórias as atividades presenciais e restringiu a oferta de algumas graduações na modalidade. As instituições têm até maio de 2027 para se adequar (veja ao lado). Quem já estava matriculado em cursos afetados pelas mudanças tem direito de concluir a graduação nas condições originalmente previstas. No primeiro trimestre de 2026, o número de ingressantes no EaD caiu 6,3% em relação ao ano anterior, enquanto os cursos presenciais cresceram 4,9%, segundo pesquisa do Instituto Simesp. Uma em cada três instituições privadas registrou queda superior a 20% nas matrículas em cursos a distância.

O que mudou no EaD?

Instituições adaptam cursos às exigências do MEC, que ampliam as atividades presenciais e restringem a oferta de algumas graduações

A adaptação envolve mudanças nos currículos, investimentos em infraestrutura e reorganização das atividades presenciais. “O desafio das instituições de ensino superior será construir modelos que sejam, ao mesmo tempo, sustentáveis, acessíveis e de qualidade”, afirma Lúcia Teixeira, presidente do Simesp. A qualidade da formação é

outra questão importante. No Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade) das licenciaturas de 2025, 46,9% dos concluintes de cursos a distância atingiram o nível de proficiência esperado, ante 73,9% dos alunos presenciais. Os resultados, divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), são anteriores à implementação completa das novas regras. A exigência de atividades presenciais também preocupa em regiões afastadas dos grandes centros, onde o EaD muitas vezes é a única opção de formação superior. A Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED)

alerta para possíveis dificuldades de acesso, especialmente nas licenciaturas, em municípios que já enfrentam carência de professores. Para os estudantes, a flexibilidade continua sendo uma questão importante, sobretudo para quem precisa conciliar trabalho e graduação. É o caso de Hellen Pavão, de 25 anos, aluna de licenciatura em educação especial na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Desde que ingressou no curso, em 2024, ela já mudou de emprego e de carga horária mais de uma vez. “Se fosse 100% presencial, eu já teria trancado o curso”, diz.

As novas regras dos cursos superiores

- **PRESENCIAIS**
Mínimo de 70% presencial; medicina exige 100%;
- **SEMIPRESENCIAIS**
30% presencial e 20% presencial ou online ao vivo. saúde e engenharias exigem; 40% presencial
- **A DISTÂNCIA**
10% presencial e 10% presencial ou online ao vivo;

- CURSOS COM RESTRIÇÕES**
- **Só presenciais:**
Medicina, direito, enfermagem, odontologia e psicologia;
 - **Presenciais ou semipresenciais:**
Educação, ciências naturais, matemática, estatística, saúde e engenharias, entre outras áreas; nenhum desses cursos pode ser oferecido em EaD.

FONTE: DECRETO Nº 12.456/2025 E PORTARIA MEC Nº 378/2025.

Unibes Cultural

Parte do seu Imposto de Renda pode se transformar em cultura

Pessoas físicas que fazem a declaração completa do Imposto de Renda podem **destinar até 6% do IR devido** a projetos culturais aprovados pelo Ministério da Cultura.

Você escolhe o projeto que quer apoiar.

Os recursos são destinados diretamente ao **projeto incentivado**, em contas específicas, e sua aplicação é acompanhada e submetida à prestação de contas, conforme as regras da **Lei Federal de Incentivo à Cultura**.

Ao escolher a **Unibes Cultural**, você contribui para a realização de exposições, concertos, shows, cursos, oficinas, encontros e outras atividades culturais abertas a diferentes públicos.

Faça da cultura uma escolha para o seu Imposto de Renda.

**PLANO BIANUAL UNIBES CULTURAL 2026/2027
PRONAC 256600**



Saiba como contribuir:
negocios@unibescultural.org.br
(11) 97614-9193





Seu futuro começa na FIA!

Vestibular 2027

Administração | Economia | Relações Internacionais

Inscreva-se no Processo Seletivo com **desconto exclusivo** para leitores do Estadão

Use o cupom: ESTADAOFIA

Inscrições até 27/11/2026

Prova em 05/12/2026



Saiba mais
fia.com.br/graduacao

FIA BUSINESS
SCHOOL
Quem sabe lidera.